



***Lawrence da Arábia* e a representação do nacionalismo árabe**

Lawrence of Arabia and the representation of Arab nationalism

Paula Carolina de Andrade Carvalho

Mestranda em História

Universidade Federal de São Paulo - Brasil

paula_carvalho33@yahoo.com.br.

Recebido em: 14/09/2016

Aprovado em: 12/12/2016

RESUMO: Este artigo propõe-se a fazer uma reflexão sobre a representação do nacionalismo árabe no filme *Lawrence da Arábia* (1962), dirigido por David Lean, tendo no horizonte o aspecto político da representação apontado por Edward Said em *Cultura e Imperialismo* (1993), e sua ligação com a expansão do imperialismo britânico e estadunidense. Baseado na obra do explorador e oficial britânico T. E. Lawrence, *Seven Pillars of Wisdom* (1922), o filme mostra as suas experiências na Revolta Árabe (1916-1918) contra os turcos em meio à Primeira Guerra Mundial (1914-1918), formando alianças com os beduínos da Península Arábica, sua participação nos ataques a Aqaba e Damasco e seu envolvimento no Conselho Nacional Árabe; ao mesmo tempo, apresenta as suas lutas emocionais internas em relação à sua própria identidade, dividida entre a sua Grã-Bretanha natal e os árabes do deserto.

PALAVRAS-CHAVE: Lawrence da Arábia, Nacionalismo árabe, Representação

ABSTRACT: This article intends analyze the representation of Arab nationalism in the movie *Lawrence of Arabia* (1962), directed by David Lean, having as theoretical basis the political aspect of representation presented by Edward Said in his book *Culture and Imperialism* (1993), and its association with the expansion of British and American imperialism. Based on the book *Seven Pillars of Wisdom* (1922) written by British explorer T.E. Lawrence, the film shows his experiences in the Arab Revolt (1916-1918) against the Turks amidst the First World War (1914-1918), making alliances with the Bedouins from the Arab Peninsula, and his participation on the attacks on Aqaba and Damascus as well as his involvement in the formation of the National Arab Council. The movie also explores Lawrence's intern emotional battles regarding his own identity, torn between his native Great Britain and the desert Arabs.

KEYWORDS: Lawrence of Arabia; Arab nationalism; Representation

Este artigo propõe-se a fazer uma reflexão sobre a representação do nacionalismo árabe no filme *Lawrence da Arábia* (1962), dirigido por David Lean. Baseado na obra do explorador e oficial britânico T. E. Lawrence, *Seven Pillars of Wisdom* (1922), sobre a sua participação na Revolta Árabe (1916-1918) contra os turcos em meio à Primeira Guerra Mundial (1914-1918), o longa se tornou um dos maiores clássicos do cinema, inclusive ganhando sete prêmios Oscar. O roteiro, escrito por Robert Bolt e Michael Wilson, mostra as experiências de Lawrence (interpretado por



Peter O'Toole) na Península Árábica, começando, na verdade, com a morte do personagem em um acidente de motocicleta; durante o seu funeral, um repórter tenta entender quem era Lawrence, por meio de depoimentos de pessoas que o conheceram. Depois desse prólogo, o filme passa a focar exclusivamente na participação de Lawrence na Revolta Árabe. Ele é chamado ao escritório do General Murray (Donald Wolfitt) que, influenciado por Dryden (Claude Rains), responsável britânico pelos assuntos árabes, envia-o para assessorar o Príncipe Faisal na revolta contra os turcos.

Nessa viagem, o seu guia beduíno é morto pelo Xarife Ali (interpretado pelo egípcio Omar Sharif), um harita. Assim, perambula sozinho pelo deserto até encontrar o Coronel Brighton (Anthony Quayle), que o leva à presença de Faisal (interpretado pelo inglês Alec Guinness). Nesse encontro, Lawrence, indo contra ordens do coronel, aconselha o príncipe a atacar Aqaba (situada atualmente na Jordânia), dominada pelos turcos. O príncipe recebe bem esse conselho, e Lawrence, na companhia de Ali e outros beduínos, cruza o mortal deserto do Nefud para persuadir Auda Abu Tayi (Anthony Quinn), chefe dos howeitats, a atacar Aqaba com eles. A cidade é, então, tomada pelos árabes, e Lawrence retorna para o Cairo para dar a notícia aos britânicos; no caminho, perde um dos seus jovens servos em uma areia movediça, o que deixa perturbado.

No Egito, ele encontra o General Allenby (Jack Hawkins), que passa a apoiar a causa árabe oferecendo armas e dinheiro; ao mesmo tempo, trama com Dryden, por trás de Lawrence, os planos para o domínio britânico na Arábia. Ao retornar para ajudar a revolta, Lawrence passa a organizar ataques e explosões às ferrovias que ligam as cidades do Oriente Médio, atrapalhando o transporte e a mobilidade das tropas turcas. Ao fazer uma visita de reconhecimento à cidade de Deraa (hoje na Síria) incógnito ao lado de Ali, ele é levado por soldados turcos, junto com outros jovens árabes, à presença de um oficial turco (José Ferrer), que o despe e o inspeciona com o intuito de satisfazê-lo sexualmente. Ao resistir aos avanços do oficial e na tentativa de não ser reconhecido, Lawrence bate nele; como punição, o britânico é açoitado repetidamente antes de ser jogado na rua. Traumatizado, Lawrence retorna para o Cairo, onde também não se sente à vontade. Por isso, o General Allenby precisa convencê-lo a ajudá-los a tomar Damasco, a principal cidade para os árabes.

Ao reunir as tropas árabes, Lawrence corre para tomar a capital síria antes das forças britânicas. Assim, os árabes formam um conselho para administrar a cidade, mas as rivalidades



entre os grupos os impediram de manter o funcionamento dos serviços públicos, fazendo com que os árabes deixassem a cidade para os britânicos. Logo em seguida, Lawrence é enviado para a Inglaterra, após perceber que não é mais útil nem para os britânicos nem para Faisal, que acabam chegando a um acordo no final. O filme também apresenta os conflitos emocionais internos do personagem em relação à sua própria identidade, dividida entre a sua Grã-Bretanha natal e os árabes do deserto.

Entende-se aqui “representação” a partir da visão de Edward Said em *Cultura e Imperialismo*:

Vivemos, evidentemente, num mundo não só de mercadorias, mas também de representações, e as representações – sua produção, circulação, história e interpretação – constituem o próprio elemento da cultura. Em muito da teoria recente, o problema da representação está fadado a ocupar um lugar central, mas raramente é situado em seu pleno contexto político, basicamente imperial. Em vez disso, temos de um lado uma esfera cultural isolada, tida como livre e incondicionalmente disponível para etéreas investigações e especulações teóricas, e do outro lado uma esfera política degradada, onde se supõe ocorrer a verdadeira luta de interesses.¹

Portanto, Said procurou reunir novamente essas duas esferas ao mostrar que a cultura possui um envolvimento com o poder, indo contra a ideia de que representações são imagens apolíticas ao se julgar que exista um “divórcio absoluto entre passado e presente”². Assim, o presente trabalho propõe analisar o filme tendo como ponto central expansão imperial pelo Oriente Médio a partir da forma como o nacionalismo árabe é apresentado em *Lawrence da Arábia* e como é contraditória a formação da identidade árabe (e da própria identidade individual de seu protagonista).³

Pois *Lawrence da Arábia* é um filme, de alguma forma, crítico ao imperialismo que forja sua narrativa. Segundo Caton, Robert Bolt, um dos roteiristas, escreveu que via T. E. Lawrence como um “daqueles bodes expiatórios do imperialismo” (“*stalking horses of imperialism*”, no original em inglês), e os britânicos, ao longo do filme, são retratados como implacáveis e enganosos na sua

¹ SAID, Edward. **Cultura e Imperialismo**. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia de Bolso, 2011, pp. 109-110.

² _____. **Cultura e Imperialismo**, p. 110.

³ Nesse sentido, é importante ressaltar que este artigo não tem a pretensão de definir o que é ser “árabe”. Mas pode-se destacar que no mundo greco-romano o termo “árabe” era “empregado de modo mais comum para designar um estilo de vida nômade ou seminômade do que como uma designação racial”. IRWIN, Robert. **Pelo Amor ao Saber: os orientalistas e seus inimigos**. Trad. Waldéa Barcellos. Rio de Janeiro: Record, 2008, p. 26. O próprio Lawrence fez uma distinção entre os “árabes urbanos” e os “árabes do deserto”, os beduínos nômades, no Livro 2 de **Seven Pillars of Wisdom**, 1922, Edição Kindle. Disponível em <https://ebooks.adelaide.edu.au/l/lawrence/te/seven>. Acesso em 19 dez. 2016.



busca por poder imperial.⁴ Tanto que a introdução do personagem de T. E. Lawrence é em uma sala, no Cairo, pintando um mapa – provavelmente da Península Arábica –, que funciona como uma espécie de metáfora visual da trama do filme: é Lawrence, um branco europeu ocidental, o criador da Arábia. Ainda que seu personagem seja carregado de ambiguidades em relação à sua verdadeira lealdade e nutra grande simpatia pela causa árabe, essa imagem deixa claro que o objetivo final das suas expedições é a bem sucedida expansão do imperialismo britânico para o Oriente Médio⁵. Na cena seguinte um mapa dessa região encontra-se enquadrado atrás do General Murray e de Dryden na sala do militar: é para lá que enviam Lawrence para “observar a situação” dos seus aliados árabes no *front* oriental da guerra. Junto com ele, o espectador vai “descobrir” e “criar” a Arábia.

Segundo Shohat e Stam, “a aura de cientificidade inscrita pelas imagens de mapas e globos também ajudaram a legitimar as narrativas coloniais”, uma vez que a ciência da geografia estava então em formação e inspirou narrativas sobre o mapeamento de novas regiões. Assim, “a cartografia europeia (...) determinava o status e a significação dos lugares”⁶; em outras palavras, “a cartografia é contextualizada como derivada de descobertas científicas e de descobridores heroicos.”⁷

Ainda para os dois autores, o cinema eurocêntrico, à guisa da historiografia ocidental, narra a chegada a lugares distantes da Europa central a partir da figura do “descobridor”, o herói que geralmente se confunde com a imagem do viajante/cientista que domina um novo território e suas riquezas que serão apropriados pela ação do colonizador. Em *Lawrence da Arábia*,

a câmera coloca o movimento dinâmico do herói em um espaço estático e passivo, gradualmente despojando a terra do seu ‘enigma’ à medida que o espectador ganha acesso visual às riquezas orientais por meio dos olhos do explorador-protagonista. No filme, um ‘gênio’ romântico inspira e lidera as massas árabes passivas, interpretação histórica questionada por historiadores árabes.⁸

⁴ CATON, Steven C. **Lawrence of Arabia: A Film's Anthropology**. Berkeley: University of California Press, 1999, p. 186.

⁵ Neste artigo, este termo refere-se ao que hoje são os territórios de Iraque, Israel, Jordânia, Líbano, Síria e Territórios Palestinos, além dos países que formam a Península Arábica, e que antes faziam parte do império turco-otomano.

⁶ SHOHAT, Ella; STAM, Robert. **Unthinking Eurocentrism: Multiculturalism and the Media**. Londres/Nova York: Routledge, 1994, p. 146.

⁷ _____. **Unthinking Eurocentrism**, p. 147.

⁸ _____. **Unthinking Eurocentrism**, p. 145.



No entanto, *Lawrence da Arábia* é um filme bem mais complexo, pois cheio de sutilezas. Na interpretação de Caton, o Príncipe Faisal, ao perceber a simpatia de Lawrence pela causa árabe, em uma cena que mostra o envolvimento inicial do explorador na Revolta Árabe, passa a manipulá-lo da mesma forma que seus conterrâneos britânicos. Pois Lawrence mostra-se aberto a ser persuadido por ambas as partes. O roteirista Robert Bolt explicou que era preciso ver Lawrence como um homem “que era usado, mas que também era conivente” com a manipulação da sua pessoa, uma vez que ele parece ter a “necessidade de ser dominado tanto quanto tem necessidade de dominar.”⁹

Mesmo assim, em várias passagens do filme, Lawrence é mostrado como o “criador” da Arábia e, por consequência, do nacionalismo e da identidade árabes, despindo, assim, os árabes de qualquer sentido de agência na sua própria história, exceção feita à figura do Príncipe Faisal. Como observou Caton, “como em grande parte do discurso orientalista, ‘tribo’ e ‘tribalismo’ tornam-se metonímias para ‘árabe’ no filme”, como a ideia central de que a vida dos árabes gira em torno das rivalidades tribais, que são arduamente – e temporariamente – superadas no filme graças à tutela de Lawrence. O mesmo acontece com o estereótipo do “árabe violento”, perpetrado pela tradição orientalista¹⁰, uma vez que formaria uma “sociedade endemicamente violenta pela ausência de algo parecido com um estado central para manter a paz.”¹¹

⁹ CATON. *Lawrence of Arabia*, p. 183. É interessante perceber que o próprio Lawrence (*Seven Pillars of Wisdom*, posição 9.877 a 9.885) define essa sua faceta de uma forma semelhante a de Bolt, em que explica que havia desenvolvido “ideias sobre outros homens, e ajudado-os”, mas como nunca havia criado coisa nenhuma por si mesmo – “uma vez que não podia aprovar a criação” – ele servia e resolvia para deixar essas criações “as melhores possíveis”. “A sujeição à ordem alcançava uma economia de pensamento”, algo doloroso para ele, além do “armazenamento frio do caráter e da Vontade, levando sem dor ao esquecimento da atividade”. Via como parte do seu fracasso pessoal o fato de não ter encontrado um chefe que o usasse com eficiência. “Todos eles, por incapacidade, ou timidez, ou afeto, permitiam que eu fosse livre; como se não conseguissem ver que a escravidão voluntária era o orgulho profundo de um espírito mórbido, e uma dor vicária sua decoração mais alegre. Em vez disso, eles me deram permissão, da qual eu abusei com uma indulgência insípida”.

¹⁰ Entende-se por “tradição orientalista” o discurso sobre a representação do Oriente criado por uma série de intelectuais, governantes, viajantes e oficiais europeus, que tinham por intuito formar um cabedal de “conhecimento” sobre essa região que acabou, consciente ou inconscientemente, sendo usado na expansão dos impérios europeus pelo continente asiático. Com relação ao árabe, na visão de Saïd, esse discurso criou uma imagem de um “outro” europeu, sob as rubricas de “bárbaro”, “violento”, “despótico”, “sensual”, “incivilizado” e “irracional”. SAÏD, Edward. **Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente**. Trad. Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia de Bolso, 2013.

¹¹ CATON. *Lawrence of Arabia*, p. 187. No entanto, no próprio *Seven Pillars of Wisdom* (posição 2.846 a 2.860), Lawrence reconheceu a existência de várias vertentes do nacionalismo árabe independentes de suas ações, descrevendo, inclusive, que vários desses grupos aclamaram o pai de Faisal, Hussein, o xarife de Meca, como o líder dos árabes contra a opressão dos turcos. Mesmo assim, escreveu que o que procurava dentro do movimento era um verdadeiro líder para chamar os beduínos para a guerra. Em meio aos quatro filhos de Hussein, Ali, Abdulla, Faisal e Zayd, o mais apto a tomar esse posto era, aos olhos de Lawrence, Faisal. Por isso, em sua narrativa, ele representou Faisal como o responsável por contornar as rivalidades entre os clãs beduínos para uni-los em torno da causa árabe, uma vez que teria resolvido várias das disputas entre eles, sendo que suas decisões nunca foram questionadas. “Ele



Isso fica claro nas cenas que mostram o encontro entre os beduínos. Quando Lawrence tem seu primeiro encontro com o deserto, ele está sendo guiado por Tafas, um beduíno hazimi da “tribo” Beni Salim. Eles precisam passar por território harita, onde os hazimi não são bem-vindos. Ao pararem para tomar água em um poço harita – uma água não muito boa porque os harita são um “povo sujo”, segundo Tafas –, eles, em seguida, se deparam com a figura de Xarife Ali, que logo mata Tafas, após este apontar uma pistola em sua direção. “Ele é um hazimi. Sabia que não podia beber desse poço”, justifica o líder harita, no que Lawrence retruca: “Xarife Ali, enquanto as tribos árabes lutarem entre si, os árabes serão um povo pequeno, um povo tolo! Gananciosos, bárbaros e cruéis. Como você!” É o primeiro momento do filme que Lawrence identifica os beduínos como um povo único, sendo a identidade árabe o ponto em comum desses grupos. A grandeza viria com a independência dos árabes diante do inimigo turco.

Uma cena com o mesmo *leitmotiv* se repete mais à frente, quando Lawrence e os harita tomam água de um poço em território howeitat depois de realizarem a perigosa travessia pelo deserto de Nefud. O líder howeitat Auda Abu Tayi, em um primeiro momento, proíbe os harita de beberem água do poço; se os harita matarem Auda, que está acompanhado apenas de um de seus jovens filhos, uma guerra entre os beduínos explodirá, o que não era de interesse “nem dos generais no Cairo, nem do sultão”, segundo Lawrence. Em seguida, para apaziguar os ânimos, Auda oferece hospitalidade ao grupo.

Já na tenda de Auda, Lawrence tenta convencê-lo a se juntar aos demais beduínos para atacar por via terrestre a cidade de Aqaba, dominada pelos turcos. Neste diálogo, Auda deixa claro que não é “servo” de ninguém e que suas ações são guiadas pela sua própria vontade, mas que aqui se traduzem por pagamento em ouro:

Lawrence: Você deixa os turcos ficarem em Aqaba.

Auda: É a minha vontade.

Lawrence: Não fazemos isso por Faisal.

Auda: Pelos ingleses.

Lawrence: Pelos árabes.

Auda: “Árabes”? Os howeitat, ageyli, rualla, beni sahr... esses eu conheço. Até conheço os harita. Mas ‘árabes’? Que tribo é essa?

Lawrence: Uma tribo de escravos. Eles servem aos turcos.

Auda: Não significam nada para mim. Minha tribo são os howeitat.

era reconhecido como uma força que transcendia a tribo, sobrepondo-se ao sangue dos chefes, e aos ciúmes. O movimento árabe tornou-se nacional no melhor sentido, sendo que dentro dele todos os árabes eram um, e, por ele, todos os interesses particulares deveriam ser deixados de lado” graças às ações de acisal, que por dois anos vinha trabalhando para tal.



A identidade “tribal” é bastante forte no discurso de Auda, que Lawrence tenta desconstruir ao procurar um sentido de comunidade comum a partir do termo “árabe”, que reuniria todas as tribos beduínas mencionadas pelo líder howeit¹². Na verdade, Auda resolve atacar Aqaba com a promessa de encontrar um baú com ouro guardado pelos turcos.

O protagonismo de Lawrence na criação dessa identidade retratado no filme desconsidera tanto o histórico de pensadores árabes que se voltaram para essa questão, quanto a própria agência desses grupos na formação da sua própria identidade. Para Hourani, os árabes, “até onde podemos alcançá-los na sua história passada”, já tinham consciência da sua língua, e na Arábia pré-islâmica possuíam uma “espécie de sentimento ‘racial’, um senso de que, além dos conflitos de tribos e famílias, havia uma unidade que congregava todos os que falavam árabe e podiam se dizer descendentes das tribos da Arábia”¹³.

E mesmo após o domínio turco, a língua árabe manteve “a sua posição privilegiada, como a língua da cultura e da lei religiosa [principalmente por ser a língua em que o Alcorão está escrito], em suma, do Estado no seu aspecto religioso como defensor da *Charia*. Como tal, era o meio pelo qual os árabes ainda podiam desempenhar um papel na vida pública da comunidade”¹⁴. Essa visão vai de encontro à mensagem propagada pelo filme, de que a identidade dos beduínos estava associada apenas ao “tribalismo” sem nenhuma influência do árabe. A presença tímida da língua árabe em um filme falado na sua totalidade em inglês também contribui para representar essa falta de unidade apontada por Lawrence. Inclusive até mesmo uma passagem do Alcorão, que é pouco citado ao longo da trama, é recitada em inglês, e não em árabe, como é da tradição islâmica, por Selim a pedido de Faisal em sua tenda¹⁵.

¹² O livro de Lawrence (**Seven Pillars of Wisdom**, posição 3.672 a 3.677) narra de uma forma bem diferente o ingresso de Auda Abu Tayi na Revolta Árabe. Segundo ele, Faisal precisava dos howeit para realizar o ataque a Aqaba, conhecidos por serem guerreiros ferozes. O contato com Auda já vinha sendo feito há um tempo, sendo que primeiro os chefes de outros clãs dos howeit, seguidores de Auda, apareceram no acampamento de Faisal para jurar lealdade a ele e à causa árabe. No entanto, Faisal só ficaria tranquilo se o próprio Auda aparecesse em pessoa na sua frente e prestasse ele mesmo o juramento, no que foi prontamente atendido, pois algum tempo depois, ele mesmo apareceu na companhia de seu filho Mohammed, de 11 anos. Assim, Auda ataca Aqaba pela causa árabe e não pela promessa de riquezas como faz parecer no filme.

¹³ HOURANI, Albert. **O pensamento árabe na era liberal - 1798-1939**. Trad. Rosaura Eichneberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 275.

¹⁴ _____. **O pensamento árabe na era liberal**, p. 276.

¹⁵ A passagem em inglês concerne a *Suratu Ad-Duha*, a Sura XCIII – *The Brightness*, que teve como base a tradução do Alcorão feita pelo inglês John Rodwell, lançada nos anos 1860: “1. *By the noon-day brightness/* 2. *And by the night when it darkeneth!/* 3. *Thy Lord hath not forsaken thee, neither hath he been displeased./* 4. *And surely the Future shall be better for thee than the Past/* 5. *And in the end shall thy Lord be bounteous to thee and thou be satisfied*”.

Em português, a tradução dessa passagem da Sura da Plena Luz Matinal segue desta forma: “1. Pela plena luz matinal!/ 2. E pela noite, quando serena/ 3. Teu Senhor não te abandonou nem te detestou. / 4. E, em verdade, a



O império turco foi se desintegrando nos séculos XVIII e XIX, tomando tons “nacionais” de oposição que giraram em torno dos líderes das famílias religiosas das grandes cidades que tinham conseguido “preservar a sua riqueza e posição social sob a proteção do sistema religioso”.

Nessas famílias, as ciências da língua árabe eram prezadas e passadas adiante, como uma introdução necessária às ciências da religião: o orgulho da origem árabe - muito frequentemente, descendência do Profeta ou de um dos primeiros heróis do Islã - era misturado com uma percepção do que os árabes tinham feito pelo Islã, e ambos reforçavam aquele senso de responsabilidade para com a comunidade e o passado [...] Num certo sentido, portanto, podiam ser considerados porta-vozes da consciência árabe.¹⁶

Esses movimentos, associados à difusão do nacionalismo entre os súditos balcânicos do império, podem ter feito aumentar a consciência de uma diferença entre os turcos e os árabes ao longo da primeira metade do século XIX, segundo Hourani. O nacionalismo árabe explícito, como um movimento com objetivos e importância políticos, só apareceu no final do século XIX. E mesmo esses movimentos nacionalistas em torno do reinado do sultão Abdulhamid II eram heterogêneos e plurais: de um lado, havia os defensores do sistema existente – o sultão e seus acólitos – com a monarquia e o elemento muçulmano como forças centralizadoras para a manutenção da unidade do império e para garantir a independência do islã; de outro, havia os que defendiam uma monarquia constitucional, com direitos iguais para os muçulmanos e não muçulmanos, turcos e não turcos.¹⁷

O objetivo alcançado com a deposição de Abdulhamid II, em 1909, fez com que comesçassem a aparecer as divergências entre os vários grupos dentro do império. “O perigo

Derradeira Vida te é melhor que a primeira./ 5. E, em verdade, teu Senhor dar-te-á graças, e disso te agradecerás”. **Nobre Alcorão**, tradução do Dr. Helmi Nasr. Complexo do Rei Fahd para imprimir o Alcorão Nobre. Al Madinah al Munawarah K.S.A., 2005, p. 1041.

¹⁶ HOURANI. **O pensamento árabe na era liberal**, p. 276.

O próprio Lawrence (**Seven Pillars of Wisdom**, posição 434 a 456) reconheceu a importância da língua como um denominador comum da identidade árabe: “Os turcos ensinaram aos árabes que os interesses de um secto eram mais elevados que o patriotismo, que as preocupações pequenas da província eram maiores que as da nacionalidade. Os turcos os levaram a dissensões e desconfianças entre os árabes. Até mesmo a língua árabe foi banida das cortes e das repartições, do serviço do governo, das escolas superiores. Os árabes só poderiam servir ao Estado pelo sacrifício das suas características raciais. Essas medidas não foram aceitas tranquilamente. A tenacidade semita mostrou-se em muitas rebeliões na Síria, Mesopotâmia e Arábia contra as formas mais brutas de penetração turca; e a resistência foi se formando à medida que as tentativas de absorção tornavam-se mais traiçoeiras. Os árabes não desistiam da riqueza e da flexibilidade da sua língua pela crueza do turco – pelo contrário, eles encheram o turco de palavras árabes, e guardaram os tesouros da sua própria literatura. Eles perderam a sua identidade geográfica, suas memórias raciais, políticas e históricas, mas se apoiavam na sua língua, e ergueram quase uma pátria em torno disso. O primeiro dever de todo muçulmano era estudar o Alcorão, o livro sagrado do Islã, e incidentalmente o maior monumento literário árabe. A religião era um conhecimento à parte, e apenas aquele que era perfeitamente qualificado para entendê-la e praticá-la, fornecia aos árabes um padrão a partir do qual julgar os feitos banais do turco.”

¹⁷ HOURANI. **O pensamento árabe na era liberal**, p. 277.



real”, no entanto, na visão de Hourani, vinha “de dentro” de uma contradição no movimento dos Jovens Turcos.¹⁸ Estes almejavam a um governo constitucional, “o que implicava liberdade e igualdade para todos os elementos do império; mas eles também queriam preservá-lo como uma unidade e reforçá-lo contra a pressão do exterior; e isso pressupunha um governo centralizado e o predomínio do elemento turco sobre os outros”¹⁹. Defender a igualdade entre os cidadãos otomanos e a unidade do império

implicava que todos os cidadãos do império deviam ter a mesma relação com o governo, e todos deviam ter uma relação direta com o poder regente; isso, por sua vez, significava que todos deviam ser considerados e tratados primariamente como cidadãos individuais, e não como membros de comunidades raciais ou religiosas dentro do império. Mas a maioria dos não muçulmanos e muitos muçulmanos não turcos entendiam por liberdade e igualdade a liberdade para a comunidade e a igualdade entre as comunidades, e o seu interesse não era reforçar o poder e aumentar a intervenção do governo central, mas manter os direitos das comunidades e reforçar a autonomia administrativa das províncias. O movimento constitucional aos poucos se dividiu: aqueles que eram em primeiro lugar nacionalistas otomanos e defendiam o controle central se separaram daqueles que eram em primeiro lugar liberais otomanos e descentralizadores; as lacunas entre os turcos e os não-turcos se tornaram maiores, e os árabes, albaneses, armênios tendiam a apoiar os liberais. Depois de vários anos perturbados, o poder foi tomado, em 1913, no meio da Guerra Balcânica, por um grupo de oficiais turcos, cujas ideias eram antes nacionalistas que liberais; governaram o império até o seu colapso [...] ²⁰

Aos poucos, o nacionalismo otomano foi se transformando em nacionalismo turco ao se perceber que o sentimento nacional otomano era calcado em nada exceto na lealdade à família regente, e não estava ligado a nenhuma “unidade objetiva como a língua ou a raça”. Apesar de os Jovens Turcos terem realizado melhorias no governo local e na segurança pública, terem expandido a educação e encorajado a emancipação das mulheres, os povos súditos do império temiam a ameaça a suas línguas e direitos políticos implícita no endurecimento do controle

¹⁸ Os Jovens Turcos formaram um movimento de protesto contra o governo de Abdulhamid II. Segundo Alan Palmer (**Declínio e Queda do Império Otomano**. TRad. Gleuber Vieira. São Paulo: Globo Livros, 2013, pp. 196-197), “Historiadores turcos afirmam, com certa razão, que a primeira célula Jovem Turca foi criada em maio de 1889 por estudantes de medicina do exército em Istambul e, no verão de 1896, mais de setenta oficiais e cadetes Jovens Turcos já tinham sido exilados para Trípoli, depois de serem submetidos à corte marcial por conspiração. Todavia, restam três problemas fundamentais para esclarecer na história do movimento em seus primórdios: a existência, na mesma época, de células em guarnições otomanas, necessariamente secretas, e de grupos de moços turcos exilados em Genebra, Paris e Cairo, ativos a ponto de atraírem publicidade; a rivalidade e a apostasia de supostos líderes no exterior; e a tendência dos grupos de conspiradores a aceitar classificações genéricas como ‘Jovens Turcos’, embora se diferenciando de outros grupos na tática e nos objetivos de longo prazo. Boa parte da inspiração dos Jovens Turcos veio dos Jovens Otomanos da era *Tanzimat*, mas o novo movimento de protesto contava com base social mais ampla”.

¹⁹ HOURANI. *O pensamento árabe na era liberal*, p. 295.

²⁰ HOURANI. *O pensamento árabe na era liberal*, p. 295.



central, na política de “otomanização”, e na ideia do nacionalismo turco. Por reação contra o novo nacionalismo turco, o nacionalismo árabe foi fortalecido e chegou à vida política, da mesma forma que o dos armênios, albaneses e curdos.²¹

Assim, os apelos pela unidade política árabe não tinham uma resposta única: vários outros nacionalismos surgiram dentro do mundo árabe, como o cristão, o libanês e o sírio. Nesse meio tempo, a Primeira Guerra irrompeu, o que poderia tanto levar ao colapso do império, quanto à concessão da independência ou à imposição de um novo controle; os diversos grupos apoiavam os projetos mais distintos, desde um Estado árabe único independente até se colocar sob a tutela de uma potência europeia, o que influenciava no debate sobre as fronteiras e os sistemas de governo a serem implantados com a derrocada do império turco. Só com o fim da guerra é que essas divergências se tornaram urgentes, após a derrota do inimigo comum. Hourani toma como exemplo o próprio xarife de Meca, Hussein bin Ali al-Hashimi (pai do Príncipe Faisal), que teria se associado a sociedades secretas nacionalistas árabes e se revoltado contra o governo otomano ao receber garantias um “tanto ambíguas” dos britânicos. Assim, declarou a independência do Hejaz e formou um “exército árabe” que tomou parte da campanha dos Aliados que culminou na conquista da Síria.²²

No filme, Faisal se mostra mais astuto do que dá a perceber à primeira vista e, após a conquista de Damasco liderada por Lawrence, procura descartar logo o explorador ao sentar na mesa de negociação com o General Allenby e o diplomata Dryden. “Não há nada mais aqui para um guerreiro. Nós negociamos. É trabalho de velhos. Os jovens fazem a guerra. As virtudes da guerra são as dos jovens. Coragem e esperança de um futuro melhor. E os velhos trazem a paz e os vícios da paz são os dos velhos: desconfiança e cautela. É assim que deve ser”, diz a Lawrence. Este já se dirige para a porta, e não olha para trás quando Faisal reconhece a participação essencial do oficial, agora coronel, na tomada da Síria em seu nome: “O que eu lhe devo é inestimável”. Afinal, Lawrence havia conquistado um país para que o agora rei Faisal pudesse reinar.²³

²¹ _____. **O pensamento árabe na era liberal**, p. 296.

²² _____. **O pensamento árabe na era liberal**, p. 296.

²³ A imagem que Lawrence fez de Faisal em **Seven Pillars of Wisdom** (posição 9.886 a 9.889) é um tanto diferente – ainda que com alguma ambiguidade, pois, na sua visão, sendo que o príncipe era “um espírito bravo, fraco e ignorante”, que tentava fazer o trabalho de “um gênio, um profeta ou um grande criminoso”, sem ser nenhum dos três. Lawrence o servia “por pena, um motivo que degradava a nós dois”. Mesmo assim, sempre procurou defender a honra de Faisal em detrimento da sua – tanto que em uma passagem o príncipe dirige-se a ele e fala: “Você sempre prefere a minha [honra] antes da sua própria”.



Essa cena vai ao encontro da interpretação de Caton de que Lawrence havia também se tornado um fantoche do, digamos, “imperialismo árabe” de Faisal. Este, inclusive, consegue garantir algumas de suas vontades perante os britânicos, por meio da opinião pública positiva adquirida através das narrativas jornalísticas de que o exército árabe, liderado por Lawrence, libertou Damasco. Assim, os britânicos aquiescem em administrar a companhia de água da capital síria com uma bandeira árabe. Essa cena ecoa o texto de Hourani:

Quando a guerra terminou, pareceu por um momento que tanto os nacionalistas árabes como os libaneses obteriam o essencial do que desejavam. (...) No interior, entretanto, havia uma administração árabe, reconhecida e subsidiada pela Grã-Bretanha, com um filho do xarife, Faisal, como chefe, e os postos-chave nas mãos de membros das sociedades secretas e de oficiais do exército árabe. No entanto, nem a administração, nem o movimento nacionalista em geral tinham força própria; militar e diplomaticamente apoiavam-se na força da Grã-Bretanha. Estavam presos no dilema inevitável de um grupo fraco que contava com uma grande potência para alcançar os seus fins: precisavam da força da potência, mas não tinham como forçá-la a preferir os interesses do grupo aos seus próprios. (...) Por dois anos Faisal tentou, não sem habilidade, reter o apoio britânico por meio de uma acomodação com os franceses e os judeus [a Grã-Bretanha também havia se comprometido a criar um Estado judeu na Palestina]. Mas foi apanhado entre forças mais poderosas que ele próprio: qualquer acordo que estivesse disposto a fazer com a França não teria a aprovação de seus seguidores na Síria; e talvez tenha superestimado o apoio que poderia esperar da Grã-Bretanha.²⁴

Em 1920, um congresso de líderes sírios e palestinos, reunidos em Damasco, declarou Faisal rei da Síria, dando-lhe o poder de representar igualmente muçulmanos, cristãos e judeus; também foram afirmadas divisões fronteiriças que não foram acordadas nem pela França, nem pela Grã-Bretanha. Algumas semanas depois, a França ocupou a Síria e deu fim ao reinado de Faisal. O Hejaz ficou independente (sendo governado pelo xarife de Meca, Hussein bin Ali al-Hashimi), mas Síria e Iraque ficaram sob mandatos francês e britânico. O Iraque foi separado da Síria geográfica, sendo que ela própria foi subdividida em quatro regiões: Síria (subdividida em outras várias regiões) e Líbano sob mandato francês; e Transjordânia e Palestina sob mandato britânico, que deveria facilitar a imigração judaica para criar um Lar Nacional Judaico na região, de acordo com a Declaração de Balfour assinada pelos britânicos em 1917.²⁵

As nações que surgiram no Oriente Médio após a Primeira Guerra foram criadas para a expansão imperialista europeia. Apesar de afirmar querer criar uma Arábia para os árabes, Lawrence, à sua própria revelia, acaba por criar várias nações para as potências europeias. O filme

²⁴ HOURANI. **O pensamento árabe na era liberal**, pp. 303-304.

²⁵ _____. **O pensamento árabe na era liberal**, p. 304.



compactua com a visão de que os árabes são incapazes de governar a si próprios, que precisam de um “europeu esclarecido” para guiá-los nos meandros da política moderna. Essa posição fica clara nas cenas da tomada de Damasco. Na formação do Conselho Árabe na cidade, o ambiente é de completo caos, os líderes beduínos gritam uns com os outros, sem ter nenhum sentido de unidade. Só quando Lawrence bate uma faca na mesa é que consegue deter a atenção dos presentes para afirmar a identidade comum de todos:

Lawrence: Nós aqui não somos harita, nem howeit, nem de nenhuma tribo. Somos árabes. Do Conselho Árabe sob o Príncipe Faisal. [aponta para o trono atrás dele que está vazio]

Auda: Ele me insultou. [aponta para Ali]

Lawrence: Xarife Ali disse que os telefones estavam nas mãos dos howeit e que pararam de funcionar. É verdade, Auda.

Auda: Pararam porque não há eletricidade. A eletricidade está nas mãos dos harita!

[Ali levanta para atacar Auda, sendo contido por Lawrence]

Lawrence [para Ali]: Se responder, correrá sangue.

Ali [para Lawrence]: Você me fala de derramamento de sangue? [dirigindo-se ao Conselho Árabe] Peço perdão a Auda Abu Tayi.

Auda: Humildemente? Humildemente, harita.

Ali: Sim, humildemente.

Auda: Isso é mais um truque.

Essa cena mostra Auda e Ali, dois dos principais líderes dos beduínos que aparecem, em geral, como dignos e altivos, como duas crianças mimadas brigando e que só fazem as pazes depois da intervenção de Lawrence, que se refere ao grupo usando a primeira pessoa do plural, “nós”, incluindo-se entre os de identidade árabe. É preciso um europeu para colocar ordem onde impera o caos.²⁶ Em momento posterior, quando grande parte dos beduínos já se retirou de Damasco após o colapso da infraestrutura da cidade, Ali encontra Lawrence no Conselho Árabe, agora vazio. O diálogo retoma a importância fulcral da presença do explorador inglês para conceder um país aos árabes, que não conseguem se organizar para tal.

Ali: Você se esforçou para nos dar Damasco.

Lawrence: Foi por isso que eu vim. E então, significaria alguma coisa.

²⁶ Ainda que houvesse a participação de Lawrence na organização do Conselho Árabe e na divisão das tarefas administrativas da cidade, sua descrição em **Seven Pillars of Wisdom** (posição 11.452 a 11.465) desses momentos após a tomada de Damasco não chega nem perto do que é mostrado no filme. Havia sim um certo caos, mas causado, principalmente, por um grupo de argelinos liderado por Abd el Kader que compactuava anteriormente com os turcos; ao perceberem que a cidade ia cair nas mãos dos árabes e britânicos, eles mudaram de lado e instauraram um governo próprio em Damasco, que foi prontamente deposto por Lawrence e seguidores de Faisal. A própria restauração da ordem pública parece ter sido feita de forma rápida e eficiente, de acordo com a narração de Lawrence: em uma tarde, os serviços públicos mais urgentes foram garantidos e cada seção foi distribuída aos oficiais árabes apontados para cada repartição. Tudo foi feito de tal maneira que, quando Lawrence deixou Damasco, os sírios “possuíam o seu governo *de facto*, que durou por dois anos, sem aconselhamento estrangeiro, em um país ocupado dissipado pela guerra, e contra a vontade de importantes elementos entre os Aliados.”



Ali: Sim. Muito.

Na continuação dessa cena, Ali, com o coração pesado após se despedir de Lawrence, é interpelado por Auda na saída da sala do Conselho.

Ali: Tire sua mão, howeitat! [desembainha uma faca para atacar Auda]

Auda: Você ainda não é político de verdade!

Ali: Ainda não.

Auda: Esses truques são novos e eu sou velho. Graças a Alá. [Ali guarda a faca e vai em direção à saída] Mas vou lhe dizer: ser ‘árabe’ será mais difícil do que pensa, harita! [Ali olha para trás com gravidade e sai de cena]

Nessa visão, os árabes têm que se colocar sob a tutela de alguém de fora, de preferência um ocidental, um colonizador, a fim de aprender sobre como construir uma democracia. Em uma cena, o jornalista norte-americano Jackson Bentley (Arthur Kennedy) encontra um livro infantil em inglês que versa sobre a democracia em meio às coisas de Ali, que admite estar estudando de novo e que Lawrence é seu “professor”. O agente britânico, inclusive, afirma a Bentley que vai obter a “liberdade” para os árabes. Mesmo assim, o filme parece dizer de forma cínica que “os árabes são tão incapazes de se autogovernarem quanto os britânicos de conseguirem renunciar às suas possessões coloniais.”²⁷

O filme, segundo Caton, retrata o nacionalismo árabe como algo profundamente problemático, independentemente das circunstâncias em que surge. O contexto do final dos anos 1950 e início dos 1960 marcou a luta pela consolidação da independência de países árabes com figuras como Gamal Nasser, no Egito, e Yasser Arafat, na Palestina²⁸. Nesse cenário, é importante lembrar que a produção do filme começou não muitos anos depois da crise do Canal de Suez, em 1956, em que Nasser nacionalizou o canal, retirando uma das últimas heranças coloniais das mãos dos britânicos, que por algum tempo foram o poder colonial do Egito. Na visão de Nasser, essa importância estratégica do canal foi o que atraiu a cobiça das potências estrangeiras para o domínio sobre o Egito:

Vivíamos por trás de uma cortina de ferro e de repente ela caía. Estávamos isolados do mundo e da vida. Sobretudo desde que a maior parte das vias de comércio com os países do Oriente passava pelo Cabo da Boa Esperança. Agora, países da Europa nos cobiçam novamente, porque viam em nós um caminho de passagem para suas colônias no Oriente e no Sul.²⁹

²⁷ CATON. *Lawrence of Arabia*, pp. 193-194.

²⁸ _____. *Lawrence of Arabia*, pp. 193-194.

²⁹ NASSER G. A. *A Revolução no Mundo Árabe*. Trad. Luiz Toledo Machado. São Paulo: EDARLI, Editora Arte Limitada, 1963, p. 91.



O Canal de Suez não deixa de ser mencionado no filme, em diálogo entre o Coronel Brighton e o Príncipe Faisal, que pede ajuda da Marinha britânica para atacar os turcos:

Coronel Brighton: A Marinha tem outras coisas para fazer.

Faisal: Sim, a Marinha tem outras coisas para fazer, como proteger o canal de Suez.

Brighton: A parte principal do *front* é o Canal. Não percebe?

Faisal: Percebo que é interesse britânico. Não tem interesse para nós.

Brighton: Peço que não fale assim. Nossos interesses são os mesmos.

Faisal: Talvez.

Ali: Há! Há!

Para Caton, o comentário do Coronel Brighton sobre os interesses britânicos e árabes serem os mesmos deve ter sido visto com ironia pelo público da época, uma vez que Inglaterra, França e o jovem Estado de Israel declararam guerra contra o Egito, enquanto os Estados Unidos intervieram para evitar que os países produtores de petróleo retaliassem com embargos econômicos, o que prejudicaria a economia estadunidense. A maioria da opinião pública da Inglaterra chegou a apoiar a defesa das propriedades coloniais no Oriente Médio, ainda que fosse “apenas um símbolo ridículo do poder britânico” no além-mar. Mas um símbolo importante, pois era por meio do canal que o império britânico fazia a ligação com a Índia e outras colônias asiáticas, que foram ganhando suas independências no pós-Segunda Guerra.

Os anos 1960 marcaram a tomada de consciência pública britânica da perda do seu império e da sua falta de importância no mundo moderno³⁰, diante da ascensão do imperialismo dos Estados Unidos em meio à Guerra Fria. É uma série contínua de intervenções imperialistas na região que não passa despercebida. No filme, a presença norte-americana é marcada pelo jornalista Jackson Bentley. Em conversa com Faisal, o príncipe questiona o jornalista sobre seu interesse em Lawrence e na causa dos árabes, no que Bentley responde cinicamente: “Sua alteza, nós, americanos, já fomos colônia. Simpatizamos naturalmente com povos que lutem pela liberdade”. E ainda arremata: “Nossos interesses são os mesmos: querem sua história contada e eu quero uma para contar”. Bentley, na verdade, procura por um herói – necessariamente branco – para influenciar a opinião pública de que os Estados Unidos devem se unir aos Aliados na guerra. Por isso, suas perguntas tentam sempre trazer o protagonismo de Lawrence na história. De alguma forma, parece um metacomentário sobre a própria estrutura do filme, que torna Lawrence o principal protagonista dos desdobramentos da Revolta Árabe e da construção de uma identidade árabe. Afinal, é em torno de um personagem branco ocidental que se centram as

³⁰ CATON. *Lawrence of Arabia*, pp. 177-178.



narrativas imperialistas, tendo os povos “mais escuros” como coadjuvantes e não como protagonistas, inclusive de suas próprias histórias.

Essa continuidade imperialista também pode ser pensada até para a questão de que o filme é praticamente falado em inglês, com algumas frases soltas em árabe em uma cena ou outra. Como Shohat e Stam afirmaram, as línguas, como símbolos importantes da identidade coletiva, são inscritas dentro do jogo de poder, servindo a um “eurocentrismo linguístico”. O inglês, principalmente, serviu como um “veículo linguístico para o poder, tecnologia e finanças anglo-americanos”. “Os filmes de Hollywood propõem-se a contar não apenas as suas próprias histórias, mas também a de outras nações, não apenas para os norte-americanos mas para essas outras nações, e sempre em inglês”. No caso de *Lawrence da Arábia*, “quase não ouvimos árabe mas apenas inglês, falado em vários sotaques diferentes, muitos dos quais (com exceção de Omar Sharif) não têm ligação nenhuma com o árabe.”³¹

O filme ainda toca em uma das principais ambiguidades do imperialismo: a possibilidade de um homem da “civilização” se tornar um “árabe bárbaro”, no caso de T. E. Lawrence. A questão da identidade permeia o filme por inteiro. Uma das grandes ansiedades do imperialismo era que um dos seus se tornasse algum “outro” tido como inferior. Em meio às impressionantes conquistas de Lawrence com o “exército árabe”, o General Allenby pergunta a Brighton: “Acha que ele se uniu aos nativos?” (“going native”, no original em inglês), no que o coronel responde negativamente.³²

O fato é que o filme mostra que Lawrence tem um desejo secreto de se tornar árabe. Ele se delicia quando, reconhecido pelos harita como um igual após resgatar um companheiro de viagem da morte pelo deserto, recebe as roupas usadas pelos harita.³³ Em um momento em que acha que está sozinho, enquanto brinca com as roupas brancas esvoaçantes, faz cumprimentos para a própria sombra e olha o seu reflexo na lâmina da faca, ele é flagrado por Auda acompanhado de seu filho. O líder howeitát pergunta ao filho se consegue identificar a que grupo

³¹ SHOHAT, STAM. **Unthinking Eurocentrism**, pp. 191-192.

³² Segundo Caton, o filme ainda pode ser visto em paralelo com o imperialismo norte-americano no Vietnã, por exemplo. A representação de Lawrence – de um aventureiro-diplomata cheio de defeitos – mostra as ambiguidades do imperialismo, podendo ser lido como uma alegoria – e um aviso – sobre a incursão do país pelo Vietnã. CATON. **Lawrence of Arabia**, p. 181.

³³ Para uma breve análise sobre a questão do gênero em **Lawrence da Arábia**, ver SHOHAT, Ella. Gender and Culture of Empire: Toward a Feminist Ethnography of the Cinema, **Quarterly Review of Film and Video**, vol.13 (1-3), 1991, pp. 45-84. No que concerne o livro, Lawrence escreveu usar as roupas de Meca e que elas teriam sido concedidas a ele por Faisal.



Lawrence pertence apenas pela roupa que está usando. A criança solta: “Ele não é harita. Ele é inglês, apesar de estar com as roupas de um xarife do Beni Wejh”. O rosto antes jubiloso de Lawrence rapidamente se fecha para um grande desapontamento. A pele clara e os olhos azuis denunciariam a sua origem? Será que ele poderia se passar por um árabe?³⁴

O filme responde a essas duas perguntas quando Lawrence, acompanhado de Ali, vai à cidade árabe de Deraa tomada pelos turcos, com o intuito de preparar terreno para a incursão dos beduínos. Lá, Lawrence é levado por oficiais turcos até seu superior, um “effendi”³⁵ turco que procura rapazes para satisfazê-lo sexualmente. Ao inspecioná-lo, o militar turco despe as vestes de Lawrence, faz um comentário sobre a alvura da pele de Lawrence e percebe a cicatriz recente de uma bala. Com medo de ter sua identidade britânica descoberta, Lawrence bate no turco, no que é prontamente açoitado pelos outros oficiais. Assim, retorna humilhado e traumatizado para o acampamento dos beduínos. Ali recomenda descanso, mas Lawrence responde que pretende ir embora.

Ali: Por quê?

Lawrence: Por quê? Acho que cheguei ao meu limite.

Ali: E a Revolta Árabe?

Lawrence: Não sou a Revolta. Nem sou árabe.

Ali: “Um homem pode ser o que quiser”. Você disse.

Lawrence: Lamento. Pensei que fosse verdade.

Ali: Você provou!

Lawrence [pegando na sua pele branca]: Veja, Ali. Veja. Sou eu. Que cor é esta?

Sou eu. Não posso fazer nada a respeito.

Ali: “Um homem pode ser o que quiser”. Você disse!

Lawrence [mostrando novamente sua pele]: Pode, mas não pode querer o que quiser. É isto [a cor da pele] que decide o que ele quer.

³⁴ A questão da identidade de Lawrence é um tema que perpassa **Seven Pillars of Wisdom**, onde ele escreveu abertamente sobre essa crise. A sensação de não pertencer a lugar nenhum levou-a a sentir uma solidão permanente. Há trechos em que Lawrence é confundido com um árabe, principalmente por oficiais britânicos quando trajava as suas vestes brancas; e os próprios árabes chegavam a confundi-lo com um turco pelas roupas que usava no começo das suas viagens. Beduínos que nunca o haviam visto achavam que ele tinha um nome “excêntrico” e era um meio inglês, meio beduíno. Dessa forma, a cor da sua pele não aparece como uma grande questão na narrativa concernente à sua crise de identidade. A grande questão no livro é para quem devia lealdade, pois se sabia das negociações entre os Aliados para repartir entre si as terras esfaceladas dos turcos, e não contava diretamente essas traições a Faisal, ele afirmava ter por ideal “dar a liberdade e um país” aos árabes para que estes governassem a si próprios. Assim, ele parece estar sempre dividido e, depois de um tempo, essa indefinição acaba por pesar na sua psique, ainda mais porque são as potências europeias que saem triunfantes da guerra. A sensação de que traiu a causa árabe está presente o tempo todo no livro, ainda que em vários momentos demonstre ter orgulho da sua origem britânica.

³⁵ Esse título honorífico ainda presente no Oriente Médio atual, que significa “cavalheiro”, é uma corruptela do turco da palavra grega “authentes”, um título usado pelos governantes bizantinos que significa “príncipe”. STONE, Norman. **Turkey: a short history**. London: Thames & Hudson, 2012, Edição Kindle, posição 522-527.



Nessa cena, fica claro que a diferença intransponível entre um homem branco europeu e um árabe baseia-se na contingência da cor da sua pele, algo sobre o qual não há nada a fazer a não ser aceitá-lo estoicamente. Cada homem, assim, teria seu papel designado no “concerto das nações” pela sua “raça”. O desejo de Lawrence de se tornar um árabe e poder transitar pelos dois mundos com desembaraço é destruído diante dessa constatação. Sobre Lawrence e sua obra *Seven Pillars of Wisdom*, Edward Said afirmou que há nele um

conflito insolúvel entre o Homem Branco e o oriental e, embora não o diga de forma explícita, esse conflito essencial torna a encenar na sua mente o conflito histórico entre o Leste e o Oeste. Consciente de seu poder sobre o Oriente, consciente também de sua duplicidade, inconsciente de qualquer coisa no Oriente que lhe sugerisse que a história, afinal, é história e que mesmo sem ele os árabes acabariam cuidando de sua briga com os turcos, Lawrence reduz toda a narrativa da revolta (os seus sucessos momentâneos e o seu amargo regresso) à *sua* visão de si mesmo como uma ‘guerra civil permanente’ não resolvida.³⁶

Essa interpretação de Said também serve para o conflito identitário mostrado no filme que, de alguma forma, segue a narrativa de um romance: o drama interno do indivíduo que acontece em meio a um contexto histórico turbulento, que serve de metonímia para o seu conflito interior. Nesse sentido, a Revolta Árabe, uma luta por uma nação reconhecidamente árabe em combate com turcos, é o combate interno de Lawrence pela sua própria identidade conflitante, um ocidental branco que deseja ardentemente ser reconhecido como árabe mas que não consegue se desfazer da sua “anglicidade” por completo. A ambiguidade sempre retorna a essa identidade meio indefinida. Essa parece ser a sina de Lawrence.

O filme termina em um tom melancólico: Lawrence sendo dirigido por um oficial britânico em um carro até o navio que o levará de volta para a Grã-Bretanha; o automóvel desliza pelo deserto, passando por beduínos montados em camelos e outros veículos indo em direção a Damasco para construir um novo país. “Bem senhor, vamos para casa! Para casa!”, exclama o jovem oficial ao volante, contrastando com o olhar tristonho de Lawrence, que parece se despedir do deserto, o lugar sobre o qual não tem nenhum direito.

Ao final, as coisas retornam cada qual ao seu devido lugar, uma vez que “dizer que o Outro não é, na verdade, tão distante do nosso Eu – uma conclusão que causaria ansiedade no público – chegando muito perto de implodir o próprio conceito e diferença, algo que não é almejável”³⁷. É exatamente esse tipo de questionamento que permeia *Lawrence da Arábia* e que o

³⁶ SAID. *Orientalismo*, p. 327.

³⁷ CATON. *Lawrence of Arabia*, p. 189.



torna especialmente relevante na atualidade. Mas se o filme consegue de alguma forma atenuar – e até resolver – algumas dessas questões incômodas, o mesmo não se pode dizer do fim de *Seven Pillars of Wisdom*, em que a ambiguidade impera: Lawrence escreveu em tom de desabafo que no momento em que pediu para o General Allenby para voltar à Inglaterra e não participar mais do governo de Damasco, e este aquiesceu, afirmou ter se arrependido na hora.³⁸

Assim, ainda que *Lawrence da Arábia* seja um filme que procura fazer uma crítica ao imperialismo, ele não consegue fugir à narrativa imperialista (termo mais abrangente que o “orientalismo” de Said)³⁹, destacando o papel de um agente britânico para a criação do nacionalismo árabe e deixando de lado as vozes de vários indivíduos e grupos de origem árabe que protagonizaram movimentos de resistência, tanto contra turcos como contra europeus, para lutarem por sua independência e forjarem sua própria identidade. Nesse ponto, a representação é crucial para forjar essas narrativas, e não se pode separá-la do seu aspecto político, uma vez que para Said, se o principal objeto de disputa no imperialismo é a terra, as questões que giram em torno desse tema são

decididas na narrativa. Como sugeriu um crítico, as próprias nações *são* narrativas. O poder de narrar, ou de impedir que se formem e surjam outras narrativas, é muito importante para a cultura e o imperialismo, e constitui uma das principais conexões entre ambos. Mais importante, as grandiosas narrativas de emancipação e esclarecimento mobilizaram povos do mundo colonial para que se erguessem e acabassem com a sujeição imperial; nesse processo, muitos europeus e americanos também foram instigados por essas histórias e seus respectivos protagonistas, e também eles lutaram por novas narrativas de igualdade e solidariedade humana.⁴⁰

Dessa forma, a narrativa de *Lawrence da Arábia* surrupia o protagonismo dos seus personagens árabes na formação do seu próprio nacionalismo e na sua própria identidade em favor do personagem branco europeu. Não se trata de não reconhecer o fato de que as potências imperialistas europeias refizeram todo o mapa do Oriente Médio no pós-guerra, criando Estados nacionais “artificiais” (afinal, qual nação não é uma criação?) No entanto, ao retirar ou minimizar a participação dos árabes na formação dos seus próprios Estados, o filme continua a propagar a ideia da narrativa imperialista da supremacia europeia sobre os árabes, roubando-lhes o

³⁸ LAWRENCE. *Seven Pillars of Wisdom*, posição 11.584 a 11.595.

³⁹ Apesar de reconhecer o orientalismo presente em *Lawrence da Arábia*, este artigo propõe inserir a análise da obra no contexto mais amplo do imperialismo, uma vez que, como indicou Edward Beasley, o “orientalismo não impregnou a sociedade britânica” e, por isso, é melhor “procurar pelo *imperialismo* na história social inglesa”, e não por recortes determinados como orientalistas”. BEASLEY, E. *Empire as the Triumph of Theory: imperialism, information, and the colonial society of 1868*. London and New York: Routledge, 2005, p. 71.

⁴⁰ SAID. *Cultura e Imperialismo*, p. 11.



protagonismo das suas próprias lutas, pois demonstra que foi Lawrence o responsável por despertar a consciência de uma identidade comum entre os árabes.